

JESUS CRISTO EM LISBOA

Tragicomédia em 7 quadros de RAUL BRANDÃO e TEIXEIRA DE PASCOAES. Publicada em 1927.

Representada pela primeira vez, numa adaptação de Alexandre O'Neill e Mendes de Carvalho, pelo Teatro Popular, Companhia Nacional 1, no Teatro São Luiz, em 23 de Junho de 1978, numa encenação de Carlos Wallenstein.

[...]

Seis cenas: grande cozinha de telhava, na serra (1.º e 7.º quadros); sala de um comissariado de polícia (2.º quadro); um quarto pobre e uma escada velha que sobe para o andar superior (3.º quadro); sala do Conselho de Estado (4.º quadro); interior de catedral (5.º quadro); cena nua com um pano cinzento ao fundo (6.º quadro).

Na solidão da serra, a casa de um lavrador, há muito cego, é visitada por um ser estranho que diz vir de «além das nuvens» e segreda ao ouvido do padre algo que o deixa espantado. Quando se vai embora, os jornaleiros pobres querem acompanhá-lo mas o padre opõe-se. No comissariado de polícia da cidade passam os habituais «casos do dia»: os pequenos ladrões, as prostitutas nocturnas, o anarquista que fez explodir uma bomba com que matou, sem querer, a filha. No entanto, algo de novo acontece: é Jesus Cristo que se apresenta de novo e lança a desordem na cidade. Preso, Jesus liberta-se e leva com ele os companheiros da cela. D. Elvira, a mulher do comissário, explica ao marido que convém ter Jesus do seu lado pois «com estas evoluções não se sabe o que pode acontecer». Nas casas dos pobres, onde reina a miséria e a infelicidade, e nas casas dos ricos, paira uma sombra perturbadora. Sofia protesta porque a honestidade a que a mãe a obriga só lhe tem causado sofrimento. No entanto, quando Jesus Cristo passa, o mundo parece transformar-se. A presença do «fantasma» de Cristo obriga os governantes e os poderosos, que estão reunidos, a confessar os crimes que ocultam no mais fundo deles mesmos. Na Catedral, o Diabo tenta, em vão, Jesus. As personagens revelam-se tal como são, com a sua maldade e a sua bondade. Judas beija Cristo que é de novo preso e crucificado no Terreiro do Paço. Os pobres revoltam-se. Na serra, o lavrador cego vive ainda. Jesus volta, cansado e envelhecido. O cego morre e Jesus parte para continuar a sua missão, dizendo para todos: «Amai-vos uns aos outros».

Luiz Francisco Rebello. *100 anos de teatro português (1880-1980)*. Porto: Brasília Editora, 1984, pp. 213-214.

Autorização de utilização por despacho de 28/06/2017 emitido pela Senhora Diretora Geral do Património Cultural Arqtª Paula Silva.